

Interconnection between science and international politics in the US federal speech at the New York World's Fair (1939-1940)

Interconexão entre ciência e política internacional no discurso federal norte-americano na Feira Mundial de Nova-Iorque (1939-1940)

Gabriel Almeida Mendes¹, Leticia Galluzzi^{2,3}

¹ Bacharelado em Ciências Matemáticas e da Terra, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador de Iniciação Científica do Laboratório Hipátia/NCE/UFRJ

² Laboratório Hipátia, Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais, Universidade Federal do Rio de Janeiro

³ Programa de Pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

gabrielalmendes777@gmail.com, galluzzi@ufrj.br

Recebido: 4/12/2019

Aceito: 8/12/2019

Publicado: 13/12/2019

Abstract. *The work seeks to highlight the strong effort and success in the role of the US federal government, through actions and speeches within the New York World's Fair 1939-1940, in the foundations of this deeply-rooted diplomatic tradition in science, and a new idea of solidarity among the nations. The results were obtained through the analysis of original official historical documents, and highlight fundamental aspects of this construction, the additive role of the conjugation between governmental and private spheres in this construction, and the use of scientific Americanization as an element of promises to the world to boost the economic, political and social process of spreading the US agenda to multilateral organizations, and to shape the desires and actions of national states, mainly the US.*

Keywords: *History of science. Epistemology. International politic.*

Resumo. *O trabalho busca evidenciar o forte esforço, e sucesso, no protagonismo do governo federal norte-americano, via ações e discursos no âmbito da Feira Mundial de Nova Iorque 1939-1940, na ênfase de uma nova tradição diplomática de fundas raízes na ciência e em uma nova idéia de solidarismo entre as nações. Os resultados foram obtidos mediante análise de documentos históricos oficiais originais e evidenciam aspectos fundamentais dessa construção, o papel aditivo da conjugação entre esferas governamentais e privadas nessa construção e o uso da americanização científica como elemento de promessas ao mundo gerada para catapultar o processo econômico, político e social de difusão da agenda norte-americana para organismos multilaterais e para configuração de desejos e ações de Estados nacionais.*

Palavras-chave: História da ciência. Epistemologia. Política internacional.

1. Uma breve introdução

A Feira Mundial de Nova Iorque 1939-1940 teve lugar durante o último ano de paz antes da Segunda Guerra Mundial e durante o primeiro ano do referido conflito. Nesse período deram-se fortes disputas pela a estruturação “consensual” de idéias acerca do novo internacionalismo a ser processualmente instaurado durante e após o conflito bélico em questão.

O governo federal norte-americano buscou o protagonismo na formação e idealização desse novo internacionalismo além da manutenção de um moderno conceito de solidariedade entre países. O então governo utilizou-se da Feira Mundial de Nova Iorque como instrumento político-econômico-social via ações e discursos no ambiente do evento: tais ações contribuíram para a fundação de uma tradição diplomática que possui fundas raízes nos cenários político e científico até hoje.

2. A presença expressiva americana na Feira de Nova Iorque

A Feira foi um palco político de fala e importante mecanismo de disseminação de idéias norte-americanas, levando em consideração a intenção de apresentar os Estados Unidos como um modelo para outras nações do mundo. Este modelo era não só cultural (o *american way of life*) e científico, mas também um modelo de governança e de cooperação internacional que impactaria o futuro, justificando o compromisso presidencial com a Feira.

Abaixo, Figura 1, temos a carta aberta do diretor-assistente do Serviço de Informação dos Estados Unidos, sobre a participação norte-americana na Feira Mundial. Como um dos responsáveis por elaborar a temática da Feira, o diretor defende o potencial propagandístico das Feiras internacionais, por serem ótimos veículos de divulgação de expressões culturais e políticas, além de atraírem milhares de visitantes; isso justificaria o grande investimento do Governo Federal dos EUA para participar das Feiras.

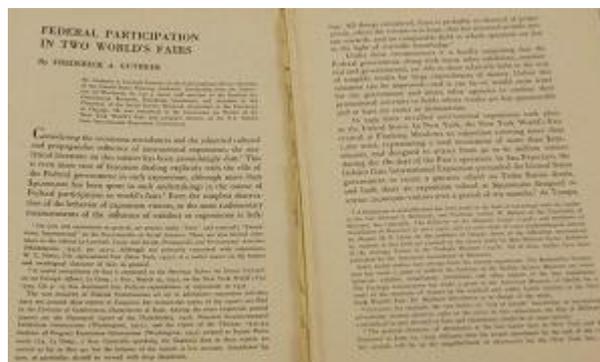


Figura 1. A carta aberta do diretor-assistente do serviço de informação dos Estados Unidos.

Fonte: GUTHEIM, 1939, p. 608-609

O diretor diz que “...provavelmente não há outro canal de propaganda com um volume tão grande de pesquisas sérias e atuação tão à luz do conhecimento científico”(GUTHEIN, 1939, p. 608-609). A ciência se alinhava aos objetivos propagandísticos do Governo, que afirmava ser a divulgação científica um grande foco, justificando para o bem sua própria atuação, forte e presente. O diretor também menciona no documento a importância da participação da Fundação Rockefeller para a difusão do pensamento e da tecnologia norte-americana, e que acabaria favorecendo uma americanização da ciência internacional.

2.1. O Departamento de Agricultura dos EUA

À época, o *United States Department of Agriculture* (USDA), ou Departamento de Agricultura dos EUA, ocupava lugar de destaque pois, através de seus avanços científicos, havia sido capaz de tirar os EUA da recessão agrícola dos anos 1930, ocasionada pela queda da bolsa de Nova Iorque em 1929 (GARDNER, 2002), modificando os paradigmas de produção agrícola norte-americana. Também nesta época, alimentos e agricultura eram uma temática em evidência. Sendo assim, na Feira o USDA firmou-se como referência científica e força política. Essa ciência desenvolvida durante os anos 1930, frutificaria décadas de excedentes de produção agrícola, usados posteriormente, na Guerra Fria, como arma política, e difundindo a ciência agroalimentar desenvolvida pelo USDA por vários países do mundo, sobretudo os subdesenvolvidos (RACZKOSKI e EDWARDS, 2018, p. 11).

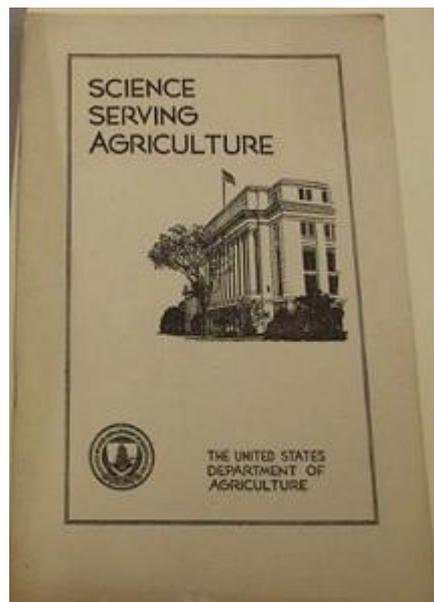


Figura 2. Panfleto de propaganda, onde se vê imagem do prédio do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, afirmando-o como referência propagandística.

Fonte: CHEW, 1937, capa

A Figura 2 corresponde a imagem do panfleto de propaganda do Departamento de Agricultura estadunidense junto ao *slogan* “Ciência Servindo a Agricultura”. O modelo de agricultura do USDA chegaria a outros países, inclusive ao Brasil, nas décadas seguintes. O USDA existia desde o século XIX, mas nesse novo tempo alcançaria o

auge de sua importância, não só científica, como, sobretudo, política (FRASER e GERSTLE, 1989).

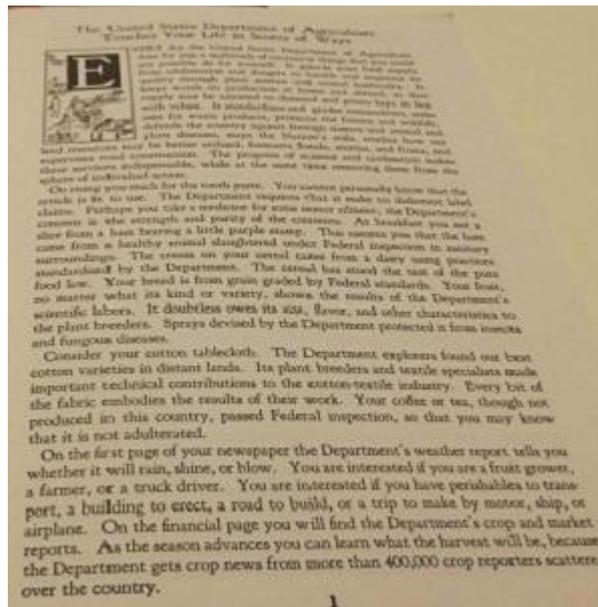


Figura 3. Texto voltado ao público sobre o USDA.

Fonte: CHEW, 1937, p. 1

A Figura 3 corresponde à imagem de um texto descrevendo as muitas áreas científicas nas quais o departamento de agricultura atuava. O progresso da ciência dos alimentos e da agricultura estava conectado com a idéia de civilização, de modernização e de desenvolvimento dos países (CULLATHER, 2007, p. 337).

O termo civilização era comum nos anos 30 e vinha com muita carga política. Os discursos norte-americanos, anteriormente europeus, partem do pressuposto de que os outros países iriam se tornar mais modernos, mais civilizados e progressistas quando se transformassem, de tal forma, que se tornassem mais parecidos com os EUA; tal transformação dependeria da adoção de sua ciência e seu pensamento. A intenção era, explicitamente, padronizar as sociedades globais usando como molde a sociedade norte-americana. O texto busca, inicial e indiretamente, a simpatia e apoio da própria população, apostando na realização destes ideais. No futuro esse discurso ganharia cada vez mais força na agenda política norte-americana. As Feiras Mundiais refletiam estas bases, conforme veremos.

2.2. “Um novo conceito de governo...”

O texto publicitário abaixo, Figura 4, começa com a seguinte frase: “150 anos atrás a America deu ao mundo um novo conceito de governo...”(NEW YORK WORLD’S..., 1937, p. 1). Os EUA usariam a imagem do patrono da independência norte-americana, George Washington, como uma das figuras centrais da exposição, no comunicando a proposta da feira estadunidense por um mundo independente, livre.



Figura 4. Texto publicitário voltado ao público internacional.

Fonte: NEW YORK WORLD'S..., 1937, p. 1

Fala-se então que a Feira vem com a idéia de emular, nas esferas sociais e econômicas, o que George Washington fez no governo, e que isso abrangeria as nações do mundo na tentativa de construir “um novo mundo do amanhã, um mundo de paz, segurança e felicidade” (NEW YORK WORLD'S..., 1937, p. 2). Tais aspectos epistêmicos eram muito fortes na medida em que colocavam os EUA como exemplo para esse novo internacionalismo.

O texto apresenta, ainda, ciência norte-americana como algo muito moderno, protagonista de conquistas inéditas. As idéias políticas eram reforçadas por meio do entrelace com a ciência na Feira.

O discurso mantinha o tom de divulgação de ideias, dizendo que

...a Feira de Nova Iorque vai tentar mostrar como as ferramentas e materiais, que possuímos podem ser usadas para moldar uma vida melhor e também trará, ao apresentar as nações juntas, como exibidoras, o objetivo de salvaguardar uma vida melhor em termos de paz internacional e amizade”(NEW YORK WORLD'S..., 1937, p. 1)

Sustentava-se no contexto do medo existente na época, 1939, diante da quase certeza de uma nova grande guerra. Reforçando o que já foi dito, os Estados Unidos buscam, nas duas edições da Feira, o protagonismo da paz internacional, sua configuração e a idéia de amizade (NEW YORK WORLD'S..., 1939, contracapa; THE NEW YORK..., 1940, p. 42)

3. Discursos presidenciais em momentos da Feira Mundial

Nos dois anos da Feira, o presidente americano discursou, ao vivo ou televisionado, e em vários momentos, como na abertura e/ou nos pavilhões (TODAY AT THE..., 1939, p. 2). Seus discursos eram muito relevantes, pois, através de suas palavras, podemos sintetizar o pensamento e intenções do governo federal dos Estados Unidos além de entender a postura americana nos dois anos (1939, sem guerra, 1940, com guerra) da Feira, que são diferentes. Nos dois anos, a abertura da Feira contou com a presença de

autoridades de alta relevância, como o presidente, o governador e o prefeito, juntamente ao chefe geral da Feira (TODAY AT THE..., 1939, p. 1). Ficava assim evidente a ligação entre a classe empresarial e o governo dos EUA. Um fato interessante é que o discurso do presidente Roosevelt na abertura da Feira, também foi a primeira transmissão televisiva na história dos Estados Unidos, um evento histórico muito marcante para a nação (TODAY AT THE..., 1939, p. 2).

3.1. Diferenças entre as Feiras de 1939 e 1940

Os dois anos da Feira foram muito diferentes entre si. Em 1939, no início do ano, o mundo ainda não estava em guerra. Em 1º de setembro desse mesmo ano, a Alemanha invadiria a Polônia e eclodiria a guerra. No ano de 1940, quando a segunda Feira acontecia, o mundo já estava em guerra; inevitavelmente, o contexto mundial havia mudado (MAURO, 2010).

O primeiro ano da Feira era de esperanças no futuro; seu próprio *slogan* anunciava O Amanhecer de um Novo Dia: o Mundo de Amanhã (*The Dawn of a New Day: The World of Tomorrow*) (NEW YORK WORLD'S..., 1939). O mundo estava temendo o começo de uma nova grande guerra devido à instabilidade política da época e buscava-se formas de assegurar um futuro de paz e segurança, apelando, principalmente os EUA, pela amizade entre as nações (ADAMTHWAITE, 1992).

A Feira do ano seguinte, 1940, adotou um tom de busca pela paz e pela liberdade (as Liberdades Americanas: Liberdade de expressão, Liberdade de culto, Liberdade de falta, Liberdade de medo (*Freedom of speech, Freedom of worship, Freedom from want, Freedom from fear*), reflexo da chegada da guerra. A Feira ganhou um novo *slogan*: Liberdade e Paz (*Freedom and Peace*) (DURANTI, 2006, p. 663). Essa liberdade do *slogan* se referia à liberdade política, contrária aos regimes totalitários surgidos na Europa, e à liberdade econômica, que defendia o modelo liberal-capitalista. Esse ano da Feira foi marcado pela presença de um menor número de países e a ausência das nações agressoras (TYNG, 1958)

3.2. O discurso na Pedra Inaugural em 1938



Figura 5. Discurso presidencial na Pedra Inaugural da Feira de Nova Iorque de 1939 transcrito em matéria do *The New York Times*.

Fonte: THE NEW YORK..., 1938, p. 3

No discurso acima (Figura 5), o presidente demonstra felicidade pela participação de muitas nações na Feiras e que apesar dos avisos e rumores sobre o início de uma guerra, tem esperanças de que a Feira de 1939 seja capaz de mudar os rumos do mundo. O presidente comunica que a América está completamente livre do medo e das controvérsias que alimentariam a guerra, além de agradecer a sorte dos EUA de possuírem boas relações com as outras nações (THE NEW YORK..., 1938, p. 3).

Roosevelt diz que os outros países conhecerão a chamada Política da Boa Vizinhança, que alega ser a política definitiva entre as repúblicas do continente americano por ser multilateral e recíproca. Com isso o presidente espera que a Feira possa fazer com que todos sintam essa reciprocidade, evitando conflitos internacionais que resultem na guerra, além de promover novos acordos comerciais e intercâmbio cultural entre países. Por último declara que enquanto tantos problemas pedem uma revisão das formas de agir, contatos pessoais mais próximos são essenciais para o bem estar das nações (THE NEW YORK..., 1938, p. 3).

Em seu discurso, Roosevelt colocava a Feira como uma protagonista internacional em termos políticos, econômicos e culturais. Em seguida, defendia o caráter positivo da sociabilidade e das relações inter-pessoais envolvendo as autoridades e a população, e encorajava o intercâmbio de pensamento (THE NEW YORK..., 1938, p. 3). Com isso, podemos pensar que a Feira era uma espécie de espaço heterotópico. Heterotopia é um conceito elaborado pelo filósofo Michel Foucault para descrever espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares. Num espaço heterotópico, ainda que sua complexidade não possa ser vista imediatamente, as diferenças (como, por exemplo, diferentes nações com interesses distintos) convivem lado a lado (FOUCAULT, 1984).

O discurso finaliza com a frase: “Portanto essa exposição ficará como um símbolo de paz mundial para, sem sombra de dúvida, ser um avanço útil para a paciente estrada para a paz que a América trilha”(THE NEW YORK..., 1938, p. 3)

3.3. O discurso de abertura de 1940

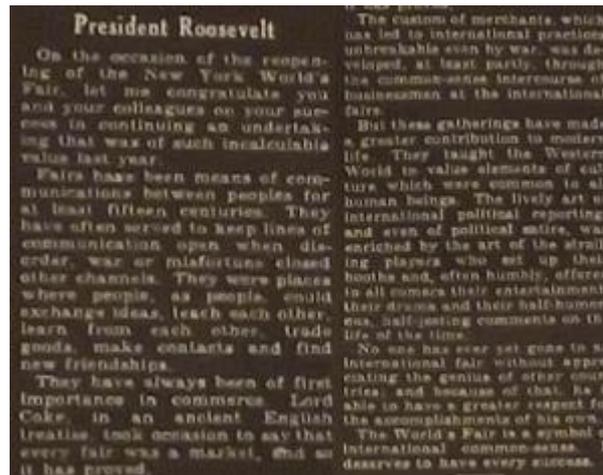


Figura 6. Mensagem do presidente para a abertura da Feira de 1940, publicada integralmente pelo *The New York Times*.

Fonte: THE NEW YORK..., 1940, p. 43

Na Figura 6, acima, encontramos a mensagem enviada pelo presidente para a abertura da Feira de 1940. Diferentemente dos outros anos, Roosevelt não estava presencialmente na Feira. Ele congratulava todos que fizeram com que a Feira pudesse acontecer mais uma vez e relembrava seus objetivos nobres. Assumia, no entanto, o tom típico da segunda edição, lembrando o conceito de unificação dos povos trabalhado na edição anterior e insistindo na idéia de que a Feira era um símbolo de senso-comum internacional. Segundo ele, o que acontecia na Feira era o normal e o certo, e o que acontecia fora, referindo-se à Europa em guerra, era o anormal e o insensato. Roosevelt também defendia iniciativas de internacionalização e unidade quando dizia que todos possuíam necessariamente algo em comum e que a política externa dos países haveria de enriquecer-se pelo compartilhamento da arte e cultura. Nesse discurso, Roosevelt se preocupou em dar um tom menos político e deixá-lo mais leve. Discursos de caráter mais agressivo foram proferidos pelo governador e pelo prefeito de Nova Iorque, possivelmente para poupar o presidente (THE NEW YORK..., 1940, p. 43).

4. Conclusões

Os discursos presidenciais e de outras esferas norte-americanas durante a Feira Mundial de Nova Iorque referenciavam a ciência, especialmente a norte-americana, como motivo de orgulho e padrão que deveria ser alcançado por outros países. Destacavam avanços substanciais no regime de governo americano que tornavam a política e povo americanos exemplos para o mundo, capazes de promover a coesão internacional em novas bases. De fato, aquele era um momento de grande crescimento da hegemonia norte-americana no mundo, com os EUA reclamando repetidamente a liderança da paz mundial e uma nova forma de ciência (principalmente agrícola). Estimulavam assim o

convívio internacional, contrapondo-se aos ideais anti-democráticos da época. Os esforços vingaram: a ciência americana afirmaria sua liderança no mundo, bem como o modo de governo estadunidense acabaria se tornando o modelo a ser perseguido pelos países que almejassem progresso, paz e modernização semelhantes aos alcançados na história americana.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Pesquisa possibilitada por material histórico obtido pela segunda autora junto à Dibner Library of the History of Sciences and Technology, National Museum of American History, Smithsonian Institution, Washington, D.C., durante seu fellowship naquela instituição.

Referências

ADAMTHWAITE, A. P. **The Making of the Second World War**. New York: Routledge, 1992, 200p.

CHEW, A. P. **Science serving agriculture**. Nova Iorque, NI, 1937, 43 p.

CULLATHER, N. **The Foreign Policy of the Calorie**. *The American Historical Review*, Oxford, v. 112, n. 2, p. 337-364, 2007.

DURANTI, M. Utopia, Nostalgia and World War at the 1939-40 New York World's Fair. **Journal of Contemporary History**, London, Thousand Oaks, CA & New Delhi, v. 41, n. 4, p. 663-683, 2006.

EXPOSIÇÃO MUNDIAL, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Exposi%C3%A7%C3%A3o_mundial. Acesso em: 24 nov. 2019.

FRASER, S.; GERSTLE, G. **The rise and fall of the New Deal order, 1930-1980**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989, 380 p.

FOUCAULT, M. (October 1984). "Des Espace Autres". *Architecture, Mouvement, Continuité*. 5: 46–49

GARDNER, B. L. **American Agriculture in the Twentieth Century: How it Flourished and What it Cost**. Cambridge, MA, and London, England: Harvard University Press, 2002, 400 p.

GUTHEIM, F. **Federal participation in two world's fairs**. *The Public Opinion Quarterly*, Nova Iorque, v. 3, n. 4, p. 608-609, 1939.

MAURO, J. **Twilight at the World of Tomorrow: Genius, Madness, Murder, and the 1939 World's Fair on the Brink of War**. New York: Ballantine Books, 2010, 432 p.

NEW YORK WORLD'S FAIR. **Official guide book**, New York World's Fair 1939: The World of Tomorrow. New York: Exposition Publications, 1939, 265 p.

NEW YORK WORLD'S FAIR ORGANIZATION. **A new tomorrow**. Nova Iorque World's Fair Bulletin, Nova Iorque, v. 1, n. 8, p. 1, 1937.

NEW YORK WORLD'S FAIR ORGANIZATION. **League of nations pavilion**. Nova Iorque, NI, 1939, 7 p.

RACZKOSKI, B. M.; EDWARDS, M. C. U.S. International Agricultural Development: What Events, Forces, Actors, and Philosophical Perspectives Presaged Its Approach?. **Journal of International Agricultural and Extension Education**, Florida, v. 25, n. 2, p. 11-28, 2018.

THE NEW YORK TIMES. The president's dedicatory talk. **The New York Times**, Nova Iorque, p. 3, 1 jul. 1938.

THE NEW YORK TIMES. The president's message and fair speeches. **The New York Times**, Nova Iorque, p. 43, 12 mai. 1940.

THE NEW YORK TIMES. The world's fair of 1940 opens, dedicated to peace and freedom. **The New York Times**, Nova Iorque, p. 42, 12 mai. 1940.

TYNG, F. E. **Making a World's Fair**: Organization, Promotion, Financing, and Problems, with Particular Reference to the New York World's Fair of 1939-1940. New York: Vantage Press, 1958, 118 p.

TODAY AT THE FAIR. Liberty and justice for all. **Today At The Fair**, Nova Iorque, p. 1-2, 30 abr. 1939.